



FREUD E A PSICANÁLISE COMO “CIÊNCIA DA NATUREZA”

Olga Maria M C de Souza Soubbotnik
Profa Aposentada do Depto Psicologia/Ufes
Grupo de Pesquisa Psicanálise na Universidade
Psicanalista da Escola Letra Freudiana/RJ

Introdução

Uma das afirmativas polêmicas feitas por Sigmund Freud é a de que a psicanálise é uma ciência da natureza. Foi o ponto de vista que sustentou desde os primórdios até a maturidade, desde a época do *Projeto para uma psicologia científica* (1895) até seu último trabalho, *O Esboço de psicanálise*, interrompido antes da conclusão por causa de sua morte em 1939. Um psicanalista ou estudioso da psicanálise dos dias atuais problematiza os dois pontos da assertiva: o que tange à cientificidade da psicanálise e, como se não bastasse, o seu alinhamento dentre as ciências naturais. Especialmente a psicanálise mais divulgada e que, no Brasil, dá o tom das discussões atuais, a escola francesa iniciada por Lacan, muito marcada, pelo menos em seus primórdios, pelo estruturalismo de Lévi-Strauss que aprofunda a divisão entre natureza e cultura, parece destoar das afirmativas freudianas.

Para este colóquio sobre seres vivos fomos buscar, de início, o sentido desta enigmática designação da psicanálise como ciência da natureza no contexto das discussões em jogo na época dentro da qual ela surgiu. Este contexto pode ser considerado em dois níveis: 1- o contexto mais amplo, formado pelo quadro das discussões com o qual teve que se confrontar a psicanálise no momento da sua emergência, e dentro do qual precisou situar-se; 2- o contexto mais restrito da

formação específica de seu fundador, Sigmund Freud, esboçado nas menções de sua autobiografia aos principais determinantes da sua formação científica.

A biografia científica de Freud

Neste trabalho privilegiamos o segundo, a biografia científica de Freud, tomando como guia seu trabalho de 1925 cujo título – *Selbstdarstellung* – foi traduzido por *Estudos autobiográficos*.

“[...] a história de minha vida e a história da psicanálise [...] se acham intimamente entrelaçadas. Este Estudo autobiográfico mostra como a psicanálise veio a ser todo o conteúdo de minha vida e, com razão, presume que minhas experiências pessoais não são de qualquer interesse ao se traçar um paralelo de minhas relações com aquela ciência.” (FREUD, 1980/1925: 89)

Freud relata dessa forma os interesses mais precoces de sua vida até sua opção pela medicina, aos 17 anos:

“Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito sobre a orientação do meu interesse. Sob a influência de uma amizade formada na escola com um menino mais velho que eu, e que veio a ser conhecido político, desenvolvi, como ele, o desejo de estudar Direito e de dedicar-me a atividades sociais. Ao mesmo tempo, as teorias de Darwin, que eram então de interesse atual, atraíram-me fortemente, pois ofereciam esperanças de extraordinário progresso em nossa compreensão do mundo; e foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a Natureza, lido em voz alta numa conferência popular pelo professor Carl Brühl, pouco antes de eu ter deixado a escola, que resolvi tornar-me estudante de medicina.” (FREUD, 1980/1925:19)

A gama dos interesses sem referência a autor específico, indicada no início do parágrafo, é ampla: História, religião, direito, problemas sociais. Em seguida surgem os nomes de Darwin e Goethe, seguidos pelo do professor Brühl. Darwin dispensa maiores comentários, sendo conhecido representante da inovação em biologia. Goethe, além de escritor, tem sua fama ligada à multiplicidade de seus dons e interesses, atestada em contribuições em diversos domínios do conhecimento. Dois autênticos inovadores e um terceiro, Brühl, no seu papel, não de criador de ideias originais como os primeiros, mas de difusor e veículo delas. “Naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico. Fui antes levado por uma espécie de curiosidade que era, contudo, dirigida mais para as preocupações humanas do que para objetos naturais.” (FREUD, 1980/1925:18)

O momento da escolha dos estudos de medicina, ainda que privilegie as preocupações humanas em relação aos objetos naturais, não exclui a coexistência de uma diversidade de interesses. No momento da decisão, as hesitações tiveram que ser sobrepujadas, forçosamente, para permitirem a ação, mas a diversidade dos interesses não desapareceu. Como seu trajeto posterior virá testemunhar, e como o próprio Freud não cessou de dizer, mesmo muitos anos mais tarde, não houve renúncia definitiva. O interesse pela medicina, que não era muito marcante, assim permaneceu depois da entrada na universidade, e nos anos subsequentes. Os efeitos mais imediatos desse desinvestimento sobre o trajeto do então estudante foi o prolongamento da duração de sua formação médica por três anos além do tempo usual.

Dentro da escola de medicina, Freud interessou-se muito mais pela pesquisa do que pela prática médica, e foi no *Laboratório de fisiologia* de Ernst Brücke, conta ele, “onde encontrei tranquilidade e satisfação plena – e também homens que pude respeitar e tomar como modelos: o próprio grande Brücke e seus assistentes, Sigmund Exner e Ernst Fleischl Von Marxow.” (FREUD, 1980/1925: 20)

Foi a contragosto e com grande pesar que, premido por necessidades financeiras, afastou-se da carreira teórica no Laboratório de fisiologia de Brücke, onde trabalhara desde 1876, para concluir os estudos que lhe dariam acesso ao exercício da clínica médica, na urgência de poder obter, com essa atividade, o necessário para seu sustento.

Em 1882, então, Freud deixou o laboratório de fisiologia e, segundo a tradição da formação médica na época, ingressou no hospital geral onde passou por vários departamentos. Dentre eles menciona, com destaque, os cerca de seis meses em que esteve sob a orientação do neurologista e psiquiatra Theodor Meynert. “Num certo sentido, não obstante, [escreveu Freud, comentando mais tarde esse período da sua vida] permaneci fiel à linha de trabalho na qual originalmente me iniciara” (FREUD, 1980/1925: 21). Ele não abandonou a pesquisa, utilizando os intervalos das suas ocupações no hospital para continuar dedicando-se à ela. Mas a essa altura, sua pesquisa tinha sido redirecionada, pois “Meynert [...] lhe dera acesso ao laboratório [no Instituto de Anatomia Cerebral], mesmo durante as ocasiões em que na realidade não trabalhava mais sob sua orientação” (FREUD, 1980/1925: 21)

Suas pesquisas em neurologia tiveram, a princípio, uma orientação mais teórica, voltada para a anatomia cerebral. Posteriormente, tomarão um sentido clínico. Porém, seus problemas de subsistência persistiram, pois

“Do ponto de vista material, a anatomia do cérebro certamente não era melhor do que a fisiologia, e, tendo em vista considerações pecuniárias, comecei a estudar as doenças nervosas. Havia naquela época, em Viena, poucos especialistas nesse ramo da medicina, o material para seu estudo estava distribuído por grande número de departamentos do hospital, não havia oportunidade satisfatória para aprender a matéria, e se era forçado a ser professor de si mesmo.” (FREUD, 1980/1925: 22)

Além dos estudos de neuroanatomia, realizou também estudos e publicações de observações clínicas sobre doenças orgânicas do sistema nervoso, e chegou a notabilizar-se pelos seus diagnósticos confirmados *post-mortem*, atraindo com eles a afluência de médicos norte-americanos para assistirem suas conferências sobre pacientes.

Em 1885 foi nomeado Conferencista na Universidade de Viena. O posto de *Privatdozent*, próprio das universidades na Áustria, na Alemanha e na Suíça, era conferido a poucos professores e significava valorização e reconhecimento de competência. Seus portadores constituíam uma elite pouco numerosa, mas não recebiam salário e nem tinham direito a participar das reuniões. Podiam, por outro lado, ministrar aulas, no mais das vezes sobre tópicos fora do currículo regular. (JONES, 1979: 96)

Ainda no ano de 1885, Freud recebeu uma bolsa para realizar dezenove semanas de estudos com Charcot em Paris, na Salpêtrière. Jones nos lembra que nesta época a Salpêtrière era considerada “a Meca dos neurologistas” (JONES, 1979: 224)

Na volta, em fevereiro de 1886, passou algumas semanas em Berlim, na clínica de Adolf Baginsky, “a fim de adquirir um pouco de conhecimento sobre os distúrbios gerais da infância.” (FREUD, 1980/1925: 25). Ele tinha sido convidado a dirigir o departamento de doenças nervosas infantis do Instituto Kassowitz e estava preparando-se para assumi-lo. De volta a Viena, nesse mesmo ano, estabeleceu-se como médico e casou-se.

A respeito do período de 1886 e 1891, escreveu o seguinte comentário: “realizei poucos trabalhos científicos e não publiquei quase nada. Estava ocupado em

estabelecer-me em minha nova profissão e em assegurar minha própria existência material, bem como a de uma família que aumentava rapidamente.” (FREUD, 1980/1925:30)

O trabalho como neurologista confrontou Freud com tal limitação de recursos terapêuticos que foi impulsionado a desenvolver estudos subsequentes para responder às demandas de sua clínica. É que a maioria dos pacientes que o procuravam em seu consultório não eram portadores de doenças do sistema nervoso, mas psiconeuróticos. Com eles os seus conhecimentos de neurologia tinham pouca utilidade, e os recursos usados nos tratamentos disponíveis no meio médico de Viena para esse tipo de queixa eram altamente ineficazes. Na busca de alternativas, Freud começou a utilizar a hipnose com esses pacientes e em 1889, viaja a Nancy, ao encontro de Bernheim, para aperfeiçoar sua técnica.

Seus estudos cedo esgotaram as possibilidades oferecidas pelos saberes constituídos da época, sem resultados satisfatórios. Essa situação o reconduz ao caminho da pesquisa, que sempre fora, na verdade, seu interesse maior. Dá-se nesta ocasião a consolidação do novo campo de pesquisa, com seu afastamento definitivo da neurologia, rumo à invenção da psicanálise. Jones considera a nota obituária de Charcot escrita por Freud em setembro de 1893 como o “final do período ativo de Freud como neurologista.” (JONES,1979: 234)

Depois de ter-se afastado da pesquisa para estabelecer-se como médico, e ter permanecido certo tempo nesta condição, Freud voltou a fazer da pesquisa o “principal interesse de [sua] vida” (FREUD, 1980/1925:30), desta vez no novo contexto criado pela sua própria invenção, a psicanálise. Deixando para trás os laboratórios, o local de pesquisa da ciência nascente vinha a ser o próprio consultório, e o material pesquisado já não era mais o sistema nervoso. A pesquisa de Freud toma como objeto de estudo algo inteiramente novo para a “ciência da época”: a palavra, a fala do paciente em análise. É a partir desse material que construirá as hipóteses teóricas da sua “nova ciência”.

Em 1893 escreveu *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* e em 1895, em colaboração do Joseph Breuer, os *Estudos sobre a histeria*, textos em que já estão colocadas concepções originais sobre o funcionamento da vida psíquica,

esboços de elaborações teóricas realizados a partir de material colhido na escuta clínica.

O material de base da construção psicanalítica de Freud vinha da escuta dos sintomas dos pacientes em tratamento psicanalítico. Mas, tendo percebido a conexão existente entre as diversas manifestações da vida mental, entre os sonhos relatados pelos pacientes e os sintomas psicopatológicos dos quais se queixavam, pouco a pouco, a psicanálise deixou de ser apenas “uma ciência auxiliar no campo da psicopatologia”, mostrando ser

[...] uma ciência nova e mais profunda da mente, que seria igualmente indispensável para a compreensão do normal. Seus postulados e achados poderiam ser levados a outras regiões da ocorrência mental; estava aberto para ela um caminho que conduzia muito longe, até as esferas do interesse universal. (FREUD, 1980/1925: 62)

Finalmente, em 1935, no pós-escrito a sua autobiografia, a respeito dos seus últimos estudos que ampliam uma vez mais o campo de interesses da psicanálise, Freud escreveu: “Meu interesse, após fazer um *détour* de uma vida inteira pelas ciências naturais, pela medicina e pela psicoterapia, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado, quando eu era um jovem quase sem idade suficiente para pensar.” (FREUD, 1980/1925: 91)

Esta é uma referência a trabalhos do tipo de *Totem e tabu* (1912), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal estar na civilização* (1930), nos quais as elaborações feitas a partir dos estudos clínicos de indivíduos são estendidas aos fenômenos e manifestações coletivas e/ou culturais, isto é, ultrapassam tanto o campo da psicopatologia quanto o da subjetividade individual. Em 1930, quando ganha o prêmio Goethe de literatura, refere-se ao acontecimento como: “o clímax da minha vida de cidadão.” (FREUD, 1980/1925: 91) Curiosamente, aquele que reivindicava para si a invenção de uma nova ciência obtém reconhecimento na forma de um prêmio literário e, além disso, considera-o seu momento de clímax.

De início, em colaboração com Breuer e, logo depois, por dez anos no isolamento até a chegada dos primeiros seguidores, Freud construiu um novo campo de conhecimento que denominou Psicanálise, cujo estatuto estamos aqui a interrogar, mas que ele próprio chamou de uma nova “ciência”, mais especificamente, uma “ciência da natureza”.

A psicanálise como ciência da natureza

Dois textos freudianos, distantes de mais de quarenta e três anos, sustentam a mesma posição. O primeiro, de 1895:

“A intenção é fornecer uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco.” (FREUD, 1980/1895: 395)

O segundo, de 1938:

“Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das sequências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo [isto é, a psicanálise], capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos - em resumo, chegar ao que é descrito como uma “compreensão” do campo dos fenômenos de novas hipóteses e criação dos novos conceitos, e estes não devem ser pormenorizados com indício de embaraço de nossa parte, mas, pelo contrário, merecem ser apreciados como um enriquecimento da Ciência. (FREUD, 1980/1938: 183)

Podemos agora realizar uma visão de conjunto do contexto da formação científica de Freud. O contexto inicial pode ser reconstituído a partir dos personagens decisivos para o seu percurso apontados em sua autobiografia, onde os primeiros nomes citados são, na ordem: Darwin, Goethe e Carl Brühl. A influência ocorreu nos anos precoces, adolescentes, época dos interesses extensos e difusos cuja superação Freud considera uma condição necessária à produção de algo de valor.

Os primeiros mestres, aqueles que o marcaram efetivamente, foram aqueles que encontrou durante a formação universitária: o “grande” Ernst Brücke do Laboratório de Fisiologia e seus dois assistentes Sigmund Exner e Ernest Fleischl Von Marxow. Foi sob a influência deles que se construiu a base da sua formação de pesquisador, ao mesmo tempo em que se deu o amadurecimento intelectual do adolescente para torna-lo capaz de se “concentrar [...] exclusivamente em um único assunto ou problema”, “em completo contraste com o caráter difuso de meus estudos durante os primeiros anos de universidade”. (FREUD, 1980/1925: 21),

Outro personagem marcante foi Theodor Meynert, do Instituto de Anatomia Cerebral, seguido por Charcot, da Salpêtrière, Baginsky de Berlim e Kassowitz do Instituto

Kassowitz (instituto público de Viena para tratamento de doenças infantis, onde Freud ficou encarregado de um departamento de doenças nervosas de crianças). Há ainda Breuer, conhecido médico vienense, que o acompanhou inicialmente no uso da hipnose no tratamento de pacientes neuróticos.

Ernest Jones, o biógrafo oficial de Freud, chama atenção nesse conjunto para a importância dos momentos iniciais da formação de Freud, pois teriam deixado as marcas mais permanentes em todo o trajeto posterior, mesmo depois que deixou a fisiologia e a neurologia para dedicar-se inteiramente à sua própria descoberta, a Psicanálise. Ter-se-ia mantido a concepção de ciência que se formou então a mesma que o fundador da psicanálise transportou para o novo campo ainda inexplorado?

“Tem sido frequentemente conjecturado que as teorias psicológicas de Freud datam de seu contato com Charcot ou Breuer, ou mesmo de mais tarde. Ao contrário, pode ser mostrado que os princípios dos quais construiu as suas teorias eram os que havia adquirido quando estudante de Medicina, sob a influência de Brücke. A emancipação dessa influência consistiu não em uma renúncia aos princípios, mas no fato de ter-se tornado apto a aplicá-los empiricamente aos fenômenos mentais, ao mesmo passo que rejeitava quaisquer bases anatômicas.” (JONES, 1979: 76)

O movimento que construiu o ambiente científico dentro do qual o jovem Freud se formou teve origem nos anos 1830-1840. Entre 1833 e 1838 surgiu o *Manual de fisiologia humana* de Johannes Müller que formulou a teoria da energia específica dos nervos e revolucionou a neurologia. O clima epistemológico da Alemanha, à medida que avança o século, foi marcado pelos avanços da fisiologia. No círculo dos alunos de Müller surge a importante linhagem dos fisiologistas alemães: Du-Bois-Reymond, Virchow, Helmholtz. “[...] que formarão, por sua vez, as gerações do último quarto do século. Wundt, fundador da Psicologia Científica depois de Lotze, é formado por Helmholtz.” (ASSOUN, 1981: 59)

O instituto em que trabalhou o jovem estudante de medicina Sigmund Freud fazia parte do movimento científico conhecido como a Escola de Medicina de Helmholtz. Sua história iniciou-se no começo da década de 40, com a amizade entre Emil Du Bois-Reymond (1818-1896) e Ernst Brücke (1818-1892), acrescida posteriormente por Hermann Helmholtz (1821-1894) e de Carl Ludwig (1816-1895). Esse grupo deixou marcas profundas no pensamento científico da época e ficou conhecido, não apenas pelos resultados de suas pesquisas, como também pelo “espírito de

cruzada” em favor da conquista de adeptos à sua concepção de cientificidade, que reunia físicos e fisiologistas. Neste sentido, tornou-se paradigmático o juramento de Brücke e Du Bois-Reymond escrito em 1842: “Brücke e eu formalizamos um juramento solene pra levar à prática esta verdade: Nenhuma outra força, a não ser físico-químicas comuns, acham-se em ação ativa no interior do organismo. Nos casos em que não se possam obter informações através dessas forças, eventualmente, ter-se-á de encontrar um caminho específico ou a forma de sua ação por intermédio do método físico-matemático ou admitir novas forças, idênticas em dignidade às forças químico-físicas inerentes à matéria, e que são redutíveis à força de atração e repulsão.” (JONES, 1979:73)

Mantendo essa posição, Freud pode ser considerado “um descendente tardio de uma corrente obstinadamente fisicalista que se cristalizou desde os anos 1840 na Alemanha em torno deste famoso Berliner Gesellschaft, ilustrado pela prestigiosa trilogia Helmholtz-Brücke-Du Bois-Reymond.” (ASSOUN, 1981:46)

Tardio porque, ainda que contemporâneo da reação antinaturalista do final do século XIX conhecida por “disputa dos métodos” (*Methodenstreit*), que sustentava uma especificidade metodológica para a *Geisteswissenschaft* frente à *Naturwissenschaft*, Freud não abandonou a posição fisicalista partilhada com seu mestre em fisiologia dos primeiros anos.

A divisão *Naturwissenschaft* e *Geisteswissenschaft* tem uma dimensão ontológica e uma dimensão metodológica. Segundo Assoun, Freud jamais entrou nesta discussão. Sua posição a respeito da ciência excluía tal divisão, pois para ele a ciência só poderia ser ciência da natureza e “se a psicanálise é uma ciência digna desse nome, então ela é [e só pode ser] *Naturwissenschaft*” (ASSOUN, 1981: 44). A psicanálise sequer se colocaria numa posição dividida, tal com Wundt concebeu para a sua psicologia científica, admitindo o uso ora de um ora de outro método, de acordo com o objeto em estudo, pois para Freud ela estaria sempre na esfera das ciências da natureza.

A recusa de Freud ao dualismo metodológico encontra seu fundamento na recusa de qualquer outra forma de conhecimento que não a pesquisa científica e numa concepção unificada de método científico. Seja qual for o objeto ao qual se dirija,

será unicamente pela utilização da observação e da elaboração intelectual que o conhecimento científico surgirá:

Na qualidade de ciência especializada, ramo da psicologia – psicologia profunda ou psicologia do inconsciente [...] tem de aceitar a *Weltanschauung* científica. [...] Afirma que não há outras fontes de conhecimento do universo além da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas – em outras palavras, o que podemos chamar de pesquisa – e, a par disso, que não existe nenhuma forma de conhecimento derivada da revelação, da intuição ou da adivinhação. [...] Sua contribuição à ciência consiste justamente em ter estendido a pesquisa à área mental. [...] Se, no entanto, a investigação das funções intelectuais e emocionais do homem (e do animal) é incluída na ciência, então se verá que nada é modificado na atitude da ciência como um todo, que nenhuma nova fonte de conhecimento ou novo método de pesquisa resultou daí. (FREUD, 1980/ 1933: 194)

O monismo metodológico predomina, em Freud, sobre o monismo ontológico, mas a psicanálise é uma ciência da natureza também porque seu objeto, o inconsciente, difere do objeto da psicologia da consciência, essa sim uma *Geisteswissenschaft*. Enquanto objeto metapsicológico, o inconsciente, por sua posição de “extimidade” em relação à consciência, faria parte da natureza, apoiando-se no pulsional.

Mas, como a extraterritorialidade do objeto da psicanálise em relação à consciência, posição que partilha com objetos de outras ciências colocados também no campo do natural, não esgota a questão da especificidade do seu próprio objeto nesse conjunto heterogêneo, permanecem questões sobre o estatuto do inconsciente e, conseqüentemente, sobre a obstinada insistência de Freud.

A medida que a preparação do presente trabalho avançava, tal insistência de Freud tornou-se sua principal questão. Comecei seguindo a via epistemológica, percorrendo interessantes caminhos abertos por Assoun, mas enquanto permaneci nela a firmeza de Freud em situar a psicanálise como uma ciência da natureza continuava um enigma intocado.

Foi quando, sob o impacto do documentário *O sal da terra*, de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado (2014), a respeito da obra de Sebastião Salgado, minhas reflexões tomaram outra direção. No documentário se encontra a trajetória do fotógrafo apresentada na sucessão cronológica da produção das séries fotográficas, acompanhadas de comentários sob suas condições realização. Do rico conjunto formado pela obra de Salgado mostrado do filme, destacarei para comentá-lo apenas um percurso traçado pelas séries – *Workers* – que data de 1996, e *Exodus* e *África* de 2000 e 2007, respectivamente. E, finalmente, pela última série chamada de

Genesis, de 2013. A primeira foi elaborada num certo prolongamento das preocupações do ex-economista do Banco mundial com a incidência das transformações do mundo sobre a vida dos trabalhadores contemporâneos e reflete ainda as preocupações do estudante marxista da sua juventude. Fotógrafo social, fotógrafo de pessoas (como ele próprio se designa), ele prosseguiu, nas séries denominadas *Exodus* e *África*, sua aventura pelo mundo, registrando diferentes aspectos do sofrimento humano submetido a condições mais extremas. Conta ele que, a certa altura desse seu trabalho de registro encontrou-se doente. Doente da doença singular que acomete alguém que havia deixado de acreditar na espécie humana. O fotógrafo das luzes e sombras, desse encontro com o lado sombrio do ser humano, conta que: “Sai[u] machucado. Eu via morte... neste momento eu quis me retirar da fotografia”. “Somos um animal muito feroz, um animal terrível”, revela ele em entrevista à televisão em 16/09/2013 no programa Roda Viva*. Retoma, então, a fazenda herdada da família na cidade de Aymorés e, a partir daí, sua vida e sua obra passarão por uma transformação importante. Quando assume as terras que conhecera na infância em plena exuberância, encontra-as devastadas. O homem e a terra encontram-se num mesmo ponto. Em suas próprias palavras ele traduz essa identificação: “quando recebi essa terra ela estava tão ferida quanto eu.” Começam, então, as ações de recuperação da terra degradada que, em abril de 1998, deram origem ao Instituto Terra.

“Quando vi aquela vida voltar, comecei a achar que tinha uma esperança.” (Roda Viva, 16/09/2013). Na fotografia, a última série produzida por Salgado sob efeito dessa experiência, e que recebeu o título de *Genesis*, desvia-se um pouco do percurso de até então, a fotografia humana e social, para seguir uma nova direção: a fotografia ambiental, já que em *Genesis* vai retratar um pouco dos 46% do planeta que se encontram ainda intocados ou, nos palavras empregadas pelo próprio Sebastião, “encontram-se ainda hoje tal como eram na Gênese”.

O documentário sobre Salgado abriu outra leitura da afirmativa de Freud sobre a psicanálise como ciência da natureza, menos orientada por preocupações epistemológicas e mais voltada para seus efeitos éticos. Os problemas atuais com o meio ambiente vêm colocando em pauta discussões a respeito da ação do homem sobre a natureza e, com isso, sobre seu lugar no seio dela. Podemos nos interrogar sobre quais argumentos se fundamentam as ações tão frequentemente deletérias de

uma única espécie animal, o animal humano, sobre os demais seres animados e inanimados. Até que ponto a pretensa supremacia do ser humano sobre os demais forneceria certa justificativa para isso? Não me parece que Freud visasse invalidar ou negar o poder para interferir na natureza adquirido pelo homem e proporcionado pelo desenvolvimento da ciência, mas que apontasse pretensões que se introduzem, subrepticamente, no uso desse poder. E pareceu-me de uma atualidade inegável a sua posição de não assinalar ao ser humano uma supremacia em relação aos demais seres da natureza, mesmo sendo ele capaz de produzir algo tão valioso quanto o conhecimento científico.

Alinhando a revolução realizada pela descoberta do inconsciente à revolução produzida pela queda do geocentrismo que, por sua vez, foi seguida por aquela produzida pela teoria da evolução das espécies, colocando o homem em continuidade com os demais seres da natureza, Freud reafirma, por outra via, sua posição monista. Considera que sua descoberta, a psicanálise, ao indicar os limites da consciência e do autocontrole do homem, atinge mais uma vez, de forma ainda mais letal, o narcisismo da humanidade. Retomando de Haeckel a sequência formada pelas descobertas de Copérnico e Darwin já bastante comentada na época, Freud introduz nela a sua descoberta do inconsciente como o terceiro dos golpes desfechados pela ciência que desmentem as pretensões humanas a uma superioridade.

No transcorrer dos séculos, o ingênuo amor-próprio [*Eigenliebe*] dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, [...]. O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias, por Darwin, Wallace e seus predecessores [...]. Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente." (FREUD, 1980/1916:336)

Logo, é mais no campo da ética do que no da epistemologia podemos situar a insistência de Freud em situar a psicanálise como ciência da natureza e, conseqüentemente, o homem em continuidade com os demais seres naturais. Pois é neste campo que ela vem trazer seus frutos mais tardios e não menos valiosos,

porque coloca em evidência o lado “recalcado”, não-dito, dos efeitos ciência. Seu lado mais notório tem sido a exaltação narcísica da capacidade do homem de produzir instrumento tão eficaz de interferência no natural. A insistência de Freud vem justamente contrapor-se a tal inflação e apontar limites, lembrando-lhe que “não é senhor nem mesmo em sua própria casa”.

Referências bibliográficas

ASSOUN, Paul-Laurent. **Introduçon à l'épistémologie freudienne**. Paris : Payot, 1981.

FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

_____ (1895) **Projeto para uma psicologia científica**, v. I.

_____ (1916) **Conferências introdutórias**, conf. XVIII, v. XVI.

_____ (1925) **Estudos Autobiográficos**. Obras Completas, v. XX.

_____ (1933) **Novas conferências introdutórias**. Conf. XXXV, v. XX.

_____ (1938) **Esboço de psicanálise**, Obras Completas, v. XXIII.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. RJ: Zahar Editores, 1979.

*<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-sebastiao-salgado-16-09-2013>